

A PAIXÃO SEGUNDO MATEUS

O Papa Bento XVI se manifestou há pouco dizendo que não se pode atribuir ao povo judeu a responsabilidade pela morte de Jesus. O Evangelho segundo Mateus, por outro lado, parece jogar sobre eles toda a culpa.

Esse Evangelho, escrito por volta do ano 85 deve ter em mente a destruição de Jerusalém ocorrida no ano 70 e interpretar o fato que significou o fim da nação judaica como consequência da condenação de Jesus.

Só no Evangelho de Mateus Pilatos lava as mãos e todo o povo diz “o sangue dele caia sobre nós e nossos filhos”. Só esse Evangelho fala do suicídio de Judas, de terremoto no momento da morte e no da ressurreição, só Mateus fala da sepultura lacrada e de guardas que vigiam a sepultura e, depois, subornados, divulgam o boato de que os discípulos roubaram o corpo de Jesus.

Espelho para a comunidade de Mateus

A comunidade que nos deu esse Evangelho era feita de cristãos judeus. Eles pretendiam conquistar para a fé em Jesus outros judeus que ainda não tinham se submetido ao grupo de escribas fariseus que pretendia dominar o judaísmo. Esses iam decretar que quem não os seguisse não poderia mais se considerar judeu. A esses judeus é que o Evangelho quer acusar, eles é que diziam que o corpo de Jesus fora roubado para simular a ressurreição.

Eles é que tinham medo da ressurreição, ou, com ouvi de um homem simples da roça: “Eles pensaram assim: ‘A gente mata esse Jesus e põe uma pedra por cima’. Só que a pedra não ficou por cima”. Fazendo o chão tremer, um anjo brilhante e vestido do branco da vitória desce do céu, tira a pedra e senta em cima. Os guardas que eles puseram caem derrotados.

Quando da morte de Jesus o véu que cobria o lugar da presença de Deus no Templo se rasga em dois, Deus não está mais fechado pela religião judaica. Para Mateus a terra tremeu e os cristãos já mortos (estamos no ano 85) ressuscitam e reaparecem para muitos.

O suicídio de Judas parece ter um significado simbólico. Em português Judas e Judá parecem nada terem a ver um com o outro. Acontece que no grego e no hebraico Judas e Judá são o mesmo nome. O traidor tinha o nome do patriarca que deu nome àquele povo. Não esquecer que só os seguidores dos escribas fariseus se achavam no direito de serem judeus, descendentes de Judá. Esse Judá entregou Jesus e provocou a morte da sua nação com a destruição de Jerusalém. Entregar Jesus foi um suicídio.

O Evangelho de Mateus, no relato da paixão, várias vezes se refere às autoridades *do povo*. Quando Pilatos lava as mãos, eximindo-se da responsabilidade pela morte de Jesus, o povo todo comandado por essas autoridades diz que a responsabilidade pelo sangue, a morte, de Jesus pode cair sobre eles e sobre as gerações seguintes.

Os judeus cristãos poderiam ver aí que a destruição de Jerusalém, ocorrida quinze anos antes do Evangelho, teve como culpados aqueles dirigentes iguais a Johanan Ben Zacai, que, com outros escribas fariseus, agora tentava juntar os cacos da nação destruída.

“O sangue dele caia sobre nós!” Os judeus cristãos que nos deram esse Evangelho certamente viam também nessas palavras a força que vinha da morte de Jesus e caía sobre eles, dando-lhes coragem, inclusive, para assumir não serem mais considerados judeus, por crerem no Messias Jesus.

Espelho para nós

O Papa tem razão. Não podemos atribuir a todos os descendentes das tribos de Israel a culpa pela morte de Jesus. Quantos de nós talvez sejamos também descendentes de uma delas sem o sabermos. Nem podemos dizer que todos os judeus daquele tempo foram culpados. Não se pode jogar nas costas de todo um povo os erros de alguns dos seus dirigentes. Os cristãos que nos deram este Evangelho eram judeus, sobre eles o sangue de Jesus caiu de forma positiva.

Também hoje não podemos atribuir à Igreja toda, incluindo aí todo o povo santo de Deus, os erros e fraquezas de alguns dos seus dirigentes. Quando ouvimos dizer que aconteceu isso ou aquilo devemos orar: “O sangue de Jesus caia sobre nós!”. Todos nós sentimos as conseqüências do pecado, mas a morte-sangue de Jesus pode nos purificar de todo erro e cair sobre nós de maneira positiva, livrando-nos de toda a covardia.

José Luiz Gonzaga do Prado